

Economista alemão prevê mais desemprego no Brasil

GRAÇA MAGALHÃES

Correspondente

BONN — O mais grave efeito colateral da nova austera política econômica brasileira, noticiada ontem pelos principais jornais alemães, será um aumento drástico do desemprego, disse o chefe do departamento de economia nacional do Deutsch-Sudamerikanische Bank, Juer-gen Westfalen. Quanto ao tratamento da dívida externa, ele acha a política brasileira "inteiramente convincente".

E com cautela que as autoridades do setor financeiro comentam o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e, principalmente, a necessidade de novos créditos dos bancos privados internacionais. No Deutsch-Sudamerikanische, que é o setor do Dresdner Bank para a América Latina, a questão é de "interesse dos bancos alemães em ajudar o Brasil na superação dos seus atuais problemas, já que é um país muito interessante para a economia alemã".

MAIS CRÉDITO

O contrato com o FMI foi "saudado" aqui, mas ninguém quer apostar na facilidade para a liberação dos novos créditos. Segundo Westfalen, no início da próxima semana, quando se souber de quanto será a necessidade de crédito, vai ser possível uma avaliação.

O recurso ao FMI já era esperado aqui há algum tempo. Segundo o jornal "Die Welt", o Brasil, com uma dívida de US\$ 89 bilhões, escapou da insolvência. Na última semana, "o Banco do Brasil, o maior banco estatal do país, esteve ameaçado de insolvência pela sua falta de divisas e foi salvo pela ajuda de bancos de Nova York".

Da mesma forma que os bancos privados não tinham mais condições de resolver sozinhos o problema brasileiro — como também o mexicano e o argentino —, o FMI não é capaz de afastar sozinho o risco de um colapso. A imprensa noticiou

que o Brasil vai pleitear segunda-feira, em Nova York, um empréstimo jumbo de US\$ 4 bilhões para 1983. Segundo um funcionário do Deutsche Bank, que é o banco alemão que tem mais negócios com o governo brasileiro, a participação ("boa-vontade") dos bancos americanos e europeus será decisiva para uma normalização da situação. Segundo o "Die Welt", o FMI espera dos bancos um SOS para o Brasil de US\$ 2,4 bilhões.

PROGRAMA ECONÔMICO

"Com o programa econômico, que prevê drásticas reduções nas despesas públicas, o Governo brasileiro espera reduzir a inflação de 90 para 70 por cento e superar o déficit no balanço de pagamentos" — diz o jornal "Frankfurter Allgemeine" na sua edição de ontem.

Essa política austera é vista com interesse pelos bancos fornecedores de créditos. Espera-se uma política de tratamento da dívida externa mais realista, um domínio da balança comercial. Como uma consequência, conta-se também com um aumento do desemprego. Westfalen explica:

— Toda política restritiva é uma gradação entre estabilização e recessão com desemprego. É sempre uma política difícil que pode gerar efeitos indesejados no mercado de trabalho. Mas o Brasil tem experiência e uma boa política econômica e eu acho que vai se sair bem nessa gradação.

— A gente pode então contar como certo um aumento do desemprego ou ele é evitável?

— É preciso de qualquer forma calcular essa possibilidade, pois é o grande perigo de todo programa restritivo. Quando eu freio o crescimento econômico, e isso acontece para limitar a inflação, o resultado é uma carga sobre o mercado de trabalho. Nós temos essa situação também aqui na Alemanha. Embora a nossa taxa de inflação seja mais baixa, a política monetária restritiva resultou em efeito sobre o mercado trabalho.